

2453

Culhahy, Sagres, Est. 71

ABRIL - DIA 6 - 1916

PREÇO 50 REIS.

A IDEIA NACIONAL

REVISTA SEMANAL ILUSTRADA - CONTEÚDO: ARTE - LITTERATURA - MODAS - GLENNAS - SPORT - ESCRITORIOS - RUA DA SERRA - FISGA

HOMEM CHRISTO FILHO

DIRECTOR

DOMINGOS CARVALHO MEGRE

GERENTE

JOÃO DO AMARAL

REDACTOR EM CHEFE

VICTOR FALCÃO

SECRETARIO GERAL

JOSÉ PACHECO

REDACTOR ARTISTICO



(Composição inédita de ANTONIO SOARES)

GLORIA AO SACRIFICIO!

E, com o pacto de Dower, claro que nada tinha a dizer, visto que o que eu queria dizer era exactamente o contrario do que o pacto vinha a dizer na sua.

Outro tempo... Outra escada... Vae agora!...

Zás!... parede!...

O pacto fôra-se por agua abaixo, e aquelles que tinham sido muito maus, e tinham passado a ser muito bons, tinham voltado a ser muito maus. O melhor era evitar questões.

Outro tempo... Outro lanço de escada...

Vamos então a escrever um livro. Sae o primeiro volume, sae o segundo...

Zás!... parede!

Porque as cousas agora é que estão bem e, mais isto, e mais aquillo. Na Nação, o meu estimavel collega e amigo Severin d'Azevedo reprehende-me asperamente; no *Dia*, o meu excellente amigo e collega Moreira d'Almeida guarda severamente um silencio o mais de sobrolho carregado possivel.

Bem!... Outro tempo! Outro lanço de escada!

Avanço cautelosamente a penna...

Zás!... parede!

E que parede!...

Pimenta de Castro vae pôr tudo no são, Liberdade para toda a gente; Portugal para todos os portuguezes; o exercito tezissimo mantendo tudo na ordem!

Emfim pode-se respirar.

Outro tempo!... Outro lance de escada.

Deus me livre de ser eu a causa de que tudo se escangalhe! Silencio, pois.

Passa tempo... Veem novas embrulhadas...

O meu antigo correligionario Leotte troveja contra os monarchicos com a mesmissima indignação com que eu o deixára havia annos trovejando contra os republicanos.

Arma-se a baralha com a Allemanha. Convidam-me para escrever na *Ideia Nacional*... E' talvez a occasião de fazer umas ligeiras considerações.

Preparo o tinteiro e o papel...

Zás!... parede!...

Manda El-Rei que nós, monarchicos, offereçamos os nossos serviços ao governo.

D'esta vez era parede mestra!

Offereço?... Não offereço?...

Talvez venha a proposito, para a chronica da *Ideia Nacional*, o eu explicar respeitadamente porquê já me parece bastante o exigir-se-me que aguento, sem protesto, as consequencias das tolices do meu antigo correligionario Leotte, para que me considere desobrigado de, ainda por cima, lhe ir offerecer os meus serviços.

Pucho da penna...

Zás!... parede!

O governo propõe e o Parlamento approva a censura previa!...

Oh! senhores... quando me verei eu no Largo do Corpo Santo!...

ANSELMO.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Quando A IDEIA NACIONAL se viu forçada, pelo exilio do seu Director, a interromper a sua publicação, muitos dos nossos amigos tinham já pago o primeiro trimestre da sua assignatura, não chegando todavia a receber os 24 numeros a que tinham direito. Aquelles dos nossos leitores que desejem ser indemnizados do prejuizo soffrido, pedimos e invem-nos do participarem ao Snr. Victor Falcão, Secretario Geral da IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda 45 r/c—LISBOA, afim de lhes ser enviada gratuitamente esta Revista durante 6 numeros, a que teem direito.

A IDEIA NACIONAL, cuja publicação fomos obrigados a suspender em 14 de Maio do anno passado, no momento em que, para escapar á vindicta d'uma multidão embriagada por ideias criminosas, abandonámos o paiz, reaparece hoje, em moldes materiaes diferentes mas orientada pelos mesmos principios e collaborada pelos mesmos homens que durante a primeira phase da sua existencia lhe asseguraram um logar de destaque na imprensa portugueza.

E' inutil definir mais uma vez a nossa orientação na politica nacional: cada vez mais convencido da superioridade do regimen monarchico sobre o regimen republicano, cada vez mais profundamente compenetrado da verdade catholica e mais intransigentemente conservador, a nossa linha de conducta será a mesma que tivemos na RESTAURAÇÃO e que mais tarde imprimimos a esta Revista quando regressamos do exilio a que nos condemnára, ao sahirmos da prisão, o governo presidido pelo sr. Bernardino Machado.

Toda a gente conhece a nossa intransigencia e muita gente se permittiu, por vezes, censurar a nossa violencia para com os governantes republicanos. Somos dos monarchicos que maiores perseguições teem soffrido. Temos pois auctoridade bastante, como a tinhamos quando sustentámos a mesma doutrina na RESTAURAÇÃO, ao rebentar a guerra europeia, para declarar abertamente que não recusaremos ao governo constituido, seja elle qual fôr e quaesquer que sejam os agravos que dos homens que o compõem tenhamos recebido ou venhamos a receber, todo o apoio de que elle precise para defender, contra os nossos inimigos do exterior, a honra e os interesses da Nação.

A guerra é um facto; e é pelos factos que se deve guiar o espirito e determinar a conducta dos homens. Mais tarde se discutirá a quem cabem as responsabilidades do facto e das vantagens ou inconvenientes que d'elle nos possam advir. Emquanto, porém, os interesses vitais da nacionalidade estiverem ameaçados pelo poderoso imperio que nos declarou a guerra, o dever de todos os portuguezes é unirem-se, fóra e acima de preocupações politicas ou de partido, sob as pregas da bandeira da Patria em perigo. Assim o julgou no seu alto criterio Sua Magestade El-Rei, assim pensam todos os chefes e todos os soldados da Monarchia que, tendo-se coberto de honra e gloria durante sete seculos que presidiu aos destinos d'este paiz, não iria agora escrever uma pagina de opprobrio no seu livro de ouro, deixando de se identificar uma vez mais com os interesses e destinos da Nação n'esta hora gravissima da sua historia.

A situação geral da Europa e as circunstancias excepcionaes em que se encontra o nosso paiz exigem da parte dos homens que estão á frente dos negocios publicos qualidades raras de intelligencia e de energia. O nosso dever de patriota, que até hontem nos levava a combater por todos os meios licitos o governo da Republica e os seus representantes, obriga-nos hoje a defende-lo e apoiá-lo para evitar as oscillações e a instabilidade governativa, todas as convulsões internas susceptiveis de diminuir a força collectiva da Nação perante o inimigo exterior.

Guardaremos as recriminações e os anathemas para a hora em que nos seja licito apurar responsabilidades, cumprindo o nosso dever de Portuguezes e applicando a justa e implacavel sancção ás faltas ou crimes que porventura hajam sido praticados.

A atttude d'esta Revista na questão religiosa, que tão discutida tem sido ultimamente em Portugal e tem dado logar a tão lastimaveis incidentes, ficou magistralmente definida pelo nobre talento de João do Amaral no estudo QUESTÕES DE POLITICA RELIGIOSA publicado nos numeros 7, 10, 12 e 14 d'A IDEIA NACIONAL.

Não comprehendemos a atttude que adoptaram certos catholicos em face da Republica. Não comprehendemos que dado o antagonismo profundo que existe entre os principios fundamentaes da Democracia e os fundamentaes principios da Religião, como é facilissimo provar, se possa defender a theoria da compatibilidade moral entre a Igreja e a Republica. E parece-me inadmissivel que este antagonismo philosophico entre nós praticamente e eloquentemente exemplificado pela atttude do regimen em face do Catholicismo, conduza alguns mais ou menos auctorizados paladinos dos interesses da Igreja portuguesa, depois dos mil vexames e perseguições soffridos, a oscular a face rubicunda do sr. Antonio José de Almeida e a narigueta separatista do sr. Affonso Costa, prégando o *ralliement* á Republica que lhes cospe na cara o seu desprezo, desprezo, porque já lhe não podem inspirar odio adversarios de tão titubeantes energias!

E exposta assim succintamente a nossa atttude nas questões que reputamos n'este momento fundamentaes, resta-nos esperar e fazer votos para que o sopro de heroismo que bafeja a Europa, e a atmospheria tragica da batalha das nações, sacudindo as energias adormecidas do nosso povo cheio de tantas e tão grandes virtudes, illustre por tantos e tão gloriosos feitos, contribua para o resurgimento do orgulho nacional e das virtudes innatas da Raça.

No momento em que, mau grado phantasias pacifistas e sonhos generosos de visionarios, são o ferro e o fogo que decidem dos deslins da Europa, no momento em que os povos conquistam o seu direito á vida e marcam o seu logar na Terra pela força soberana e eterna das espadas, ai d'aquellas nações que não souberam durante um longo periodo de paz temperar n'uma educação de nobre virilidade as suas qualidades de vitalidade guerreira, ou não podem fazer surgir repentinamente dos thesouros profundos e secretos da Alma as energias com que se coraçam os peitos dos bravos e se armam os braços dos heroes.

Portugal atravessava um d'estes tenebrosos periodos de lethargia que precedem muitas vezes na vida dos povos a crise derradeira. Tudo eram manifestações de commoda passividade e cobardia. Um seculo de paz bonacheirona tinha seccado as fontes das

nossas virtudes seculares e apagado os ultimos vestigios da Tradição Nacional,

Os nossos Paes ensinavam-nos desde a primeira infancia a *tratar da vida* e a não nos preocuparmos senão com o nosso interesse pessoal. A mandrice e o relaxamento tinham attingido entre nós proporções inverosimeis. A unica ambição dos rapazes e dos paes era obter com o minimo esforço a carta de bacharel ou diploma semelhante; saber... para *passar* era o supremo designio e o desideratum maximo d'uma mocidade corrompida por mil vicios, incapaz de pensar, de estudar— e de soffrer.

Quando os homens dos campos eram chamados ás fileiras, aos vinte annos, as mães desfaziavam-se em prantos e queixumes, como se os filhos fossem para a prisão ou para a morte. Desde a infancia e pela vida fora, os portuguezes só pensavam em furtar-se ao cumprimento dos deveres mais sagrados e das obrigações mais imperiosas...

A imprensa collaborava criminosa-mente n'esta degradante bambochata que se tinha convencionado chamar a *brandura dos nossos costumes*, encontrando sempre palavras de desculpa ou justificações vesgas para as faltas mais imperdoaveis, verberando ou calumniando com mal dissimulado azedume os raros homens de caracter que procuravam pôr termo ao triste espectáculo da dissolução nacional.

O indifferentismo do paiz perante os problemas que mais gravemente affectavam os seus interesses, a apathia absoluta de todas as classes em todos os momentos criticos da vida da Nação, a incapacidade total para realisar um esforço serio ou resistir com exito aos embates da Fortuna, eram a consequencia ultima d'este estado de espirito, que só uma Convulsão profunda, abalando e sacudindo a alma portuguesa nos seus alicerces fundamentaes, poderia modificar.

A guerra europeia, de que só chegavam a Portugal os echos longinquos, amortecidos ou deturpados, não podia provocar esta convulsão salutar. Mas é possivel que a nossa entrada no conflicto tremendo das raças que faz correr em toda a Europa rios de sangue e fogo, esbrazeando os ceus e atroando o Firmamento com a chamma do canhão e o retinir das espadas, tenha o poder mysterioso e mil vezes bemdito de accordar na alma e no sangue do povo adormecido a lembrança das antigas virtudes, e, revigorando os seus membros entorpecidos, lhe dê a ambição de perpetuar por novas e epicas façanhas, por uma firme e estridente afirmação da sua virilidade collectiva, o nome immortal da Patria portuguesa.

Se o jogo fatal das alianças ou a impericia dos governantes nos tivessem arrastado ao conflito ao lado da Allemanha, essa teria sido por certo a derradeira aventura infeliz da nossa historia, pois é pela Ideia Latina, ou contra ella, que se lucha, no fundo, n'esta hora decisiva: é de novo o assalto dos Vandalos contra Roma, não já só contra a Cidade Eterna limitada ao horizonte das suas sete collinas, mas contra a alma de Roma espalhada em todo o mundo civilizado e que junta á perturbante grandeza do espirito greco-romano o ardor da chistandade inteira.

A lucha formidavel travada pelos Aliados tem porfim principal — embora

philosophos de curta vista, industrializados por collegas d'além-Rheno, não vejam n'esta guerra senão um miseravel conflito de interesses — defender áquelle ideal de justiça creado pelo genio mediterraneo, aquelle direito elaborado pelos legistas latinos por ordem dos Imperatores. O sentido da liberdade do espirito, o respeito dos fracos o reconhecimento do direito à vida que possuem os pequenos como os poderosos, a aversão do arbitrio, o ardor em reclamar os direitos da Ideia em face das exigencias unicas da Força, tudo isto, seja em Londres, em Moscova, em Roma ou em Paris que se defende, é a herança dos nossos grandes avós hellenos e latinos, é o que compõe na sua essencia eterna a ideia que nós chamamos latina. É em seu nome que se reuniram, na plena consciencia dos seus direitos e dos seus deveres, os innumerables exercitos que hão-de garantir-lhe a immortalidade.

O triumpho da Allemanha teria sido o aniquilamento d'uma civilização longamente amadurecida nas margens do Mediterraneo, *mare latinum*; teria sido o deslocamento do eixo da Europa e do mundo inteiro; teria sido a ruina de tudo o que deu aos tempos modernos o esplendor inegualavel da sua historia.

Portugal teria desmentido o seu passado, renegado a sua ascendencia e comprometido o seu futuro, se desde a primeira hora não tivesse dado aos defensores da nossa civilização, pelo menos, o seu apoio moral; quiz o Destino, nos seus altos designios, que o nome portuguez ficasse ligado à Cruzada empreendida pelos povos que alimentam o succo antigo do ideal latino.

A nossa raça affirma hoje mais uma vez a sua universalidade, a sua potencia, a sua infallivel immortalidade; oxalá que Portugal saiba servir esta Causa com todo o ardor da sua alma e toda a força do seu espirito, ajudando efficazmente, na medida humilde das suas forças, todos aquelles que por ella teem dado generosamente, nas planicies flamengas, polacas ou servias, a fecunda belleza do seu sangue!

Que esta hora seja a hora bem dita do resurgimento nacional! Para esse fim supremo procurarão contribuir com todo o vigor da sua intelligencia e do seu braço, os homens, anciãos e moços, unidos na mesma estreita communhão espirital, que trabalham a dentro das paredes d'esta casa, onde não haverá outras virtudes, mas ha thesouros de força, de vontade — e de esperança!

HOMEM CHRISTO FILHO

A POLITICA

POR

JOÃO DO AMARAL

NESTE lugar deviam os leitores poder encontrar o artigo do nosso querido e talentoso collega João do Amaral que havendo partido para Paris em fins de Fevereiro com o nosso Director e tendo-o d'alli acompanhado a Londres para tratar de questões relativas á attitud politica d'A IDEIA NACIONAL na gravissima conjunctura presente, já devia estar hoje de regresso para tomar posse do seu lugar de redactor em chefe.

Esperámos até hontem e nem o nosso amigo chegou nem conseguimos obter resposta aos telegrammas que dirigimos para Londres e Paris ao nosso Director pedindo-lhe noticias de João do Amaral. Ignoramos se as difficul-

dades da travessia da Mancha em virtude da recrudescencia da guerra submarina e dos desastres do *Sussex* e outros, terão transtornado os seus projectos e retardado o seu regresso.

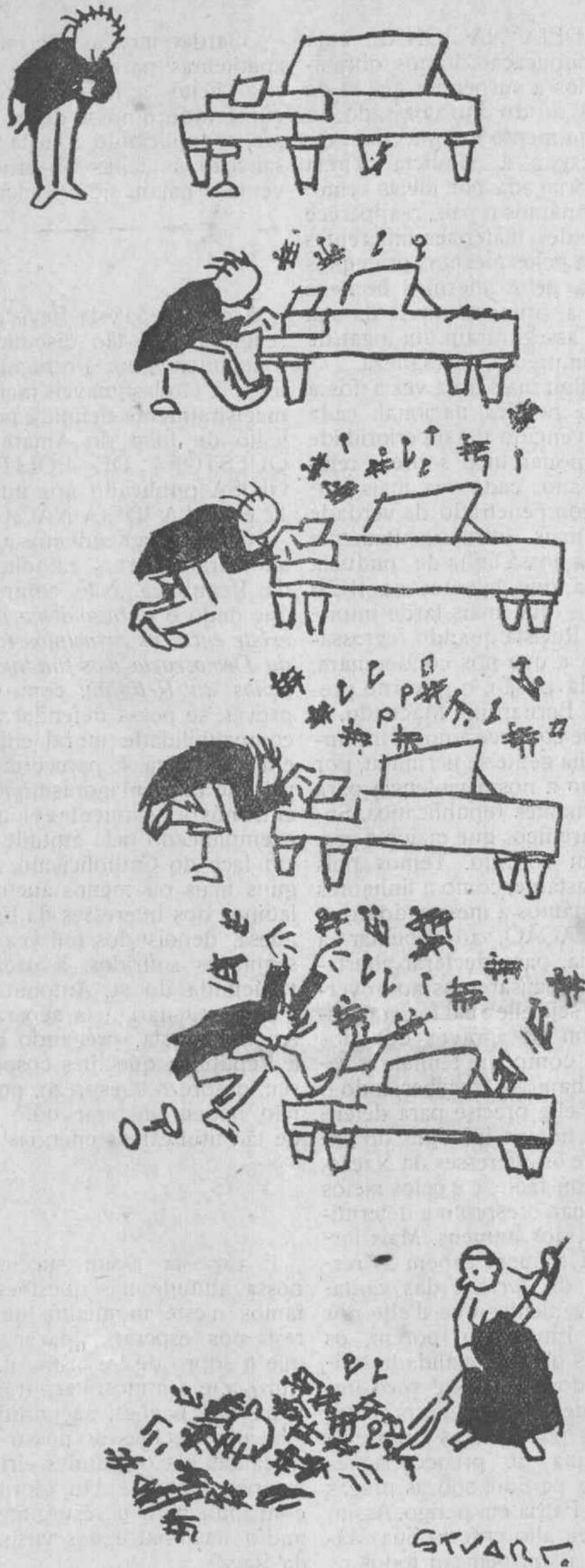
O nosso Director tencionava tambem fazer com João do Amaral uma visita ás linhas avançadas de Verdun para o que já tinha obtido uma auctorisación especial do Ministerio de Guerra francez.

O silencio dos nossos illustres amigos só pode explicar-se por um d'estes motivos. Esperamos todavia confiadamente que não terão sido victimas de nenhum incidente desagradavel provocado pela sua temeridade e que já poderemos no proximo numero inserir a secção de João do Amaral e noticiar o seu regresso a Lisboa, assim como o regresso do Director d'A IDEIA NACIONAL á sua casa de Paris.

CONTO MUDO

POR

STUART



A IDEIA NACIONAL

A IDEIA NACIONAL teve que suspender a sua publicação em pleno successo, quando o seu Director abandonou o paiz para não ser victima da torpe furia demagogica que o 14 de Maio desencadeou.

Poucas publicações teem obtido em Portugal um exito material e intellectual tão completo como o que obteve, depois da «Restauração», A IDEIA NACIONAL. Dias antes do 14 de Maio tinham-se reunido em Coimbra, n'um jantar de cerca de cem talheres, sob a presidencia do nosso querido amigo sr. Conselheiro Ayres de Ornellas, todos os colaboradores e grande numero de amigos d'esta Revista. Entre elles contava-se tudo o que ha de illustre n'esta terra, e todos, velhos e novos, desde o venerando Conde de Bertandos até ao mais moço estudante da Universidade, estreitamente identificados e unidos pelo mesmo pensamento sublime, saudavam o triumpho d'A IDEIA NACIONAL como um symptoma eloquente de que se operava na consciencia da Nação uma transformação fecunda.

Com effeito, esta Revista, onde eram semanalmente tratados os problemas fundamentais da politica portugueza por homens da envergadura

de Ayres de Ornellas, Alfredo Pimenta, Luiz de Magalhães, João do Amaral, Almeida Azevedo, Lourenço Cayolla, José de Azevedo Castello Branco e tantos outros, representava opiniões tão accentuadamente conservadoras que corria o risco de não encontrar na opinião publica, envenenada por velhos preconceitos d'um liberalismo nefasto, o applauso e o concurso que seriam para desejar.

Pelo contrario, excedendo todas as previsões, A IDEIA NACIONAL chegou a tirar quinze mil exemplares por semana, o que representa, se nos lembrarmos que esta publicação se vende a meio tostão e não a dez reis, um exito assombroso.

Tudo indicava pois a necessidade de a fazer reaparecer, melhorada e desenvolvida, com uma collaboração ainda mais variada e secções mais completas e numerosas. A IDEIA NACIONAL primitiva era uma revista exclusivamente politica; a que hoje vem a publico, illustrada pelos maiores desenhistas portuguezes, redigida pelas mais altas mentalidades da Nação, abrange todos os ramos da vida intellectual, litteraria, artistica, feminina, politica, economica, financeira, commercial, agricola, militar, naval, industrial e social.

Alem dos seus antigos colaboradores que tratam, cada um, as questões da sua especial competencia, a direcção da nossa Revista conseguiu obter o concurso dos srs.:

ALVARO PINHEIRO CHAGAS, o antigo Director do «Diario Illustrado» e do «Correio da Manhã» o delicioso ironista das «Notas d'um Lisboa», que desde 1910 ninguém tinha conseguido arrancar do seu obstinado isolamento. O sr. Alvaro Pinheiro Chagas tomou a seu cargo na IDEIA NACIONAL a Chronica da Semana na qual serão passados em revista e commentados pelo inegualavel jornalista os grandes acontecimentos da actualidade;

ROCHA MARTINS, o illustre e vigoroso Director do «Jornal da Noite», o brilhante historiador e romancista delicado, que todas as semanas tratará na IDEIA NACIONAL, assuntos da sua especialidade.

D. JOSÉ PAULO DA CAMARA, o talentoso humorista que o publico portuguez conhece atravez da sua primorosa collaboração no «Diario Illustrado», no «Correio da Manhã» e no «Nacional» e que redigirá na nossa Revista as «Coisas de Theatro»;

ARTHUR BIVAR, o distincto publicista catholico de cujo talento são testemunhos as suas campanhas no jornal «A Guarda», no «Portugaj» e em opusculos notaveis de polemica e apologetica religiosa;

CONDE DE MONSARAZ, o autor do «Sol Creador» e da «Elegia dos Reis», que, enriquecendo a litteratura portugueza, tão brilhantemente continua a tradição gloriosa do seu Paiz, e que, como Director da «Nação Portuguesa» e collaborador da «Patria Nova», de Coimbra, revelou tambem as suas apreciaveis qualidades de escriptor politico.

ANTONIO CARNEIRO, o mais notavel poeta satyrico que possui hoje o nosso paiz e cujos «Commentarios», assignados CESAR, foram sem duvida uma das causas do grande successo jornalístico da RESTAURAÇÃO.

LUIZ DE ALMEIDA BRAGA, orador, poeta e critico de raras qualidades, uma das figuras mais justamente em destaque do grupo dos *Integralistas Lusitanos*;

RUY COELHO, o grande compositor da SYMPHONIA CAMONEANA, uma das esperanças já gloriosas do Portugal artistico e a quem a Direcção d'esta Revista confiou o encargo de tratar as questões musicas;

ANTONIO SARDINHA, poeta cheio de emoção, politico e sociologo notabilissimo de que os leitores conhecem o TRONCO REVERDECIDO, A EPOPEIA DA PLANICIE e O VALOR DA RAÇA;

E finalmente, CONSELHEIRO D. LUIZ DE CASTRO, um dos raros homens de Estado da Monarchia que nem a calunnia nem a inveja tentaram jamais diminuir e que tendo prestado como Ministro das Obras Publicas, os mais relevantes serviços ao Fomento e á Agricultura nacional, se dignou acceptar a Direcção da nossa secção agricola, pondo ao serviço dos leitores d'A Ideia Nacional as suas grandes facultades de publicista e de professor.

Alem do importante melhoramento que representa a aquisição d'estes novos colaboradores — e convem frisar que se não trata d'uma vaga e incerta collaboração mas d'um concurso effectivo e permanente, firmado em bases commerciaes, por que essa é a norma invariavel seguida pela IDEIA NACIONAL desde o primeiro dia da sua existencia — reaparece hoje nos moldes das grandes revistas congeneres do estrangeiro, illustrada por uma pleiade de artistas portuguezes de raro talento como Almada Negreiros, Bil!, Jorge Barradas, Diogo de Macedo, Eduardo Vianna, Antonio Soares, Armando de Basto, etc. A frente da parte artistica d'A IDEIA NACIONAL está José Pacheco que, quer em Paris, quer em Portugal como Director e fundador da COMTEMPORANEA evidenciou as suas raras qualidades profissionais e a sua superior competencia para o exercicio do alto cargo que lhe foi confiado.

A VER NAVIOS

PELO
CONDE DE BERTIANDOS

Os leitores de meia idade, que tem habitado Braga, sem duvida conheceram o Euzebio, cereeiro da rua do Souto, casado com a senhora Joanninha, filha do estalajadeiro Bonifacio darua dos Chãos.

Lembro-me perfeitamente de o ver na loja muito prazenteiro, mas sempre com o seu barrete de borla, e ao anoitecer na Arcada com o seu grande capote, que, por cautella, depois do sol posto não largava sequer no pino do verão.

E, exceptuando essa distraçãosinha á boca da noite, e um ou outro passeio nos domingos ao Bom Jesus, a alguma romaria dos arredores ou para assistir ao desfile de procissões, em que por vezes tomava parte, só se entretinha com as suas obrigações.

A cera vendia-se bem, estava muito accreditada, e eram os lucros tão bons, que se rosnava ter o velhote á força de trabalho e poupança, conseguido ferrar grossa maquia.

Filhos não tinha, e seu unico irmão, casado com uma irmã da senhora Joanninha, residia em Lisboa, para onde fôra dirigir os negocios d'um tio materno, dono d'uma confeitaria, de quem pouco depois ficara herdeiro.

As duas familias não se carteavam, desde que á morte de Bonifacio, as irmãs se desavieram nas partilhas do recheio da estalagem.

Soube o cereeiro que o irmão já viuvo se finara, deixando um filho unico, chamado Eleuterio e muitas dividas, para que mal chegaria o trespasse do estabelecimento; recommendou para Lisboa a um fornecedor que, procurando o sobrinho, lhe offerecesse ir para Braga ajudal-o no labutar da vida, já laboriosa de mais para a sua idade. O rapaz acedeu contente e não decorreram muitos dias, que não apparecesse na capital do Minho.

Tinha 23 annos, bom parecer, modos desembaraçados e tal ou qual instrucção, ainda que muito superficial, apanhada principalmente em novellas baratas, periodicos mal humorados e conversas de botequim. Modo de vida nenhum; porque, tendo o pai querido fazel-o doutor á força, não conseguira mais que dar-lhe aborrecimento e desprezo pelo negocio. Arrastados alguns annos em collegios, sem aproveitamento, abandonou as aulas, á espera de qualquer emprego, para que ninguem se lembrou de o convidar, e que elle por seu lado se esqueceu de requerer.

Os tios acolheram-no muito bem, sobretudo Euzebio, porque ella sempre lá teria a roer-lhe na lembrança uns cobertores muito felpudos e uma rica bateria de cozinha da estalagem, que por causa das exquisitices da irmã se venderam em leilão ao desbarato. Isto supponho eu, fazendo talvez juizos temerarios; mas é possível que a menos boa sombra do acolhimento a motivasse qualquer presentimento, pois não era a senhora Joanninha propensa a rancores e tinha lume no olho para ver caras e adivinhar corações.

Pretendeu o lojista que o sobrinho permanecesse algum tempo ao balcão e escripturasse os livros; mas elle pouco se demorava no estabelecimento. As suas aspirações eram muito mais altas, — dizia, deixando escorregar desfarçadamente uma ou outra phrase, alusiva a uma grande empresa, que não explicava.

Uma noite, vindo a deshoras para casa e encontrando a familia cheia de cuidado e muito espantada, confidenciau que não desejava se soubesse, para que os vizinhos sem illustração o não escarnecessem, mas a verdade era que estava recomeçando estudos de astronomia e necessitava para isso medir estrellas a certas horas da noite.

Enzebio cada vez admirava mais o talento do moço, que, além de ter fignra attrahente, desenvolvêra labia, com que fazia do velho quanto lhe aprazia.

Certas doutrinas religiosas, politicas e sociaes, no principio esboçadas a medo, não agradaram á senhora Joanninha; mas a tolerancia do marido sempre embabascado ia dando azo a que ellas fossem de cada vez apresentadas com mais aprumo e desfaçatez. E porque uma noite á ceia a tia o chasqueou, sahiu-se com esta o atrevido.

— Só queria eu que V. M.^a me dissesse com lealdade se no seu flos sanctorum apparece algum sabio.

— Santo Agostinho, S. Jeronymo, S. Thomaz d'Aquino, por exemplo, — respondeu ella, muito versada no livro.

— Ora essa — retorquiu ousado. Então o vapor, a electricidade foram porventura descobertas d'elles? Não, quem descobriu tudo isso fomos nós.

Aquelle nós dito com tal desplante que deveria aterrar os mesmos santos, se na bemaventurança pudesse haver sustos, deu muito no gozo ao senhor Euzebio, que d'ahi por deante começou a scismar, a scismar e a fazer muitas perguntas ao sobrinho, apresentando-lhe as suas duvidas.

Q velho principiava a emancipar-se, como lhe dizia Eleuterio, que nas occasiões de maior apuro de dinheiro o enfeitçava com theorias exdruxulas e adquados palavrões.

O carro triumphante do progresso, esmagando a reacção; a solidariedade humana, fazendo desaparecer fronteiras, e o amor universal governando o mundo, haviam impressionado especialmente o cereeiro.

O carro devia ser muito mais grandioso e com melhores figuras, que o das festas joanninas, pensava elle de noite. A solidariedade, de que havia de resultar mais concorrência de gallegos ás romarias e portanto a comprar velas, motivou não consentir luminarias no 1.^o de Dezembro, com grande amou da dona da casa, a qual, desde que uma tarde, sendo criança vira a mãe, filha d'uma padeira de Leiria, dar dois bofetões bem puxados num arrieiro hespanhol, que lhe faltara ao respeito, ficara suspeitosa de que algum sangue lhe girava nas veias da heroína de Aljubarrota.

O amor universal governando o mundo, com exclusão portanto de escrivães da fazenda e inspectores do sêllo, estonteava a cabeça de Euzebio; emquanto a senhora Joanninha a tal respeito fazia cruces ao demo, rogando a Santo Antonio que nunca lhe deixasse perder o juizo, e pensava com orgulho que nem sequer tivera um conversado até avistar quem do céu lhe estava destinado. Concentrava-se então a meditar naquelles domingos e dias santos, em que elle passava e repassava pelos Chãos, com o seu lindo cravo ao peito e um lencinho branco, fazendo signaes para a janella a fingir que se assoava.

E que homem tão serio, que jamais havia tido um atrevimento, a não ser

o de lhe pisar um pé, quando, semanas antes do casamento, foi por disfarce á estalagem alugar um burro, e o pai d'ella o convidou para um jantar onde se marcou dia para a boda. O cravo, o lencinho e o burro eram lembranças queridas, que ainda agora lhe amornavam o coração.

Amor universal, credo, abrenuncio! E nos seus entresonhos tambem abominava o tal progresso, que já ia modificando um bairro da cidade.

Quê linda era Braga nesse meu tempo, — scismava, e até lhe parecia que o céu era mais azul, as flôres com mais aroma, de mais trinados o gorgueio dos passaros. Não comprehendia que o de que tinha saudades era das illusões e desvanecios de moça enamorada.

Ao mesmo passo que se ia adiantando a educação civica do negociante, a arca esvaziava-se. E como succede sempre que a fé se perde, o velho agarrava-se ás superstições, que o sobrinho a pouco e pouco e astutamente lhe infiltava no bestunto.

Negromancias, encantamentos, á mistura com fantasias de alchimistas e astrologos iam tomando posse do cerebro do pobre homem.

A mulher fazia promessas, esconjurava o mafarrico, mas o mal ia caminhando assustador e a harmonia e bem estar do casal desaparecendo.

Uma sexta feira Eleuterio appareceu muito cedo na loja e disse ao tio que desejava communicar-lhe um segredo, o que faria na cozinha, emquanto sua tia não voltava da missa do Populo. O astuto moço collocou nas brazas um pedaço de cobre e depois de varias cantilenas e de polvilhar o lume com açafraão e outros ingredientes, empalmou o cobre e fez apparecer uma barra de prata.

Exceptnando a empalmação, é claro, ensinou ao espantado velho o processo todo, e nessa tarde, passeando os dois no Campo da Vinha, facilmente o convenceu de que era indispensavel ir a Paris fazer as ultimas investigações, para conseguir a transmutação em ouro e aperfeiçoar-se nas grandes sciencias politicas e sociaes. Quando fossem riquissimos, tinham uma grande missão a cumprir: regenerar Portugal, tornando-o uma patria nova que os merecesse. Para isso eram indispensaveis grandes conhecimentos e muitas relações no ponto donde irradiava a luz para todo o mundo.

Encurtando razões, direi que tres dias passados Eleuterio despedia-se da familia com cem libras nas algibeiras.

A sahida, abraçando o lojista segredou-lhe: Quando estiver no mysterioso trabalho não pense no urso branco. Veja lá.

— Ora essa! — respondeu-lhe o tio. — Eu nunca pensei em nenhum urso branco, suppunha até que esses bichos eram todos pardos.

— Sempre foi bom prevenil-o; é advertencia de todos os alchimistas, para que possa haver resultado — affirmou o viajante — Não pense no urso branco!

Eleuterio por lá se deixou estar por Paris, pedindo de tempos a tempos mais dinheiro.

O tio escrevia-lhe: Apressa os estudos, senão fico esgotado. O maldito do urso branco não me sai da cabeça, na-

da tenho conseguido. Parece praga d'inveja do cereeiro do Campo novo.

Recommendo-te muito que sustes por lá esse tal carro do progresso, emquanto se não realizar o nosso intento. Lembra-te que, se elle vem esmagar a reacção, acaba a venda da cera e estou perdido. Olha que a regeneração social por emquanto é de grande prejuizo; que se faça quando formos ricos. Então sim, para se pregar uma boa partida ao cereeiro do Campo Novo e ao vestimenteiro nosso vizinho, que por ser compadre do outro, quer-me tirar a freguezia e anda a espalhar que estou doído.

Eleuterio respondia: o oiro já apparece, mas ainda traz liga e é vermelho; preciso d'um forno muito caro. Tenha paciencia e mande algum dinheiro. Te-rei cuidado no que me recommenda; sou aqui muito respeitado por toda a democracia de França com que vivo na maior intimidade. Tempo virá em que V. M. ha-de largar a loja e irá viver para um palacio melhor do que o do Arcebispo.

Estou pensando em construil-o á beira do rio de S. João, onde metteremos um braço de mar, para o tio lá ficar muito repoltreado a ver navios, que foi uma aspiração que sempre teve e nunca poude realizar. Os fidalgos de Braga hão de lá ir todos pedir-lhe honrarias e dinheiro.

Quanto aos dois marotos já dei os nomes d'elles á democracia. Ella comigo é tu cá, tu lá.

Decorridos dezoito mezes de loucuras, Eleuterio morreu tysico. Euzebio depois de ainda algumas semanas pontificar ao diabo na cozinha, vendo que o urso branco não o desamparava, a burra estava sem libras e o negocio decahido, foi a pouco e pouco voltando á vida normal, crenças e opiniões de outr'ora. Valeram-lhe muito para isso o bom sangue da larga dynastia de cereeiros de que provinha e os conselhos e instancias da mulher, que sem descurar o meneio da casa, fôra olhando pelo estabelecimento, emquanto o marido andava allucinado.

Em todo o caso de tempos a tempos ia até S. João, e lá se detinha sentado num penedo a delinear o seu palacio, onde estivera para ficar a ver navios, muito refestelado com todos os nobres em volta, fardados, refulgentes de verezas e com tochas acesas. Este accrescimento de pinceladas na pintura era exclusivamente da propria lavra.

Então passava-lhe pela cabeça a tenue, mas fagueira esperanza de que talvez uma manhã apparecesse pelas alturas de Carvalho d'Este, no seu carro triumphal a Democracia de França, muito amiga do sobrinho e porventura herdeira dos seus grandes segredos, que viesse por gratidão á sua memoria fazer-lhe a elle a surpresa de realizar o sonho deslumbrante.

Não chegou a ter esse gôsto, coitado!

A senhora Joanninha nunca se referia ao passado; só uma vez lhe ouviram dizer nma verdade, que merecia ser descoberta por Salomão: O mal não provem dos Eleuterios, que são poucos, mas dos Euzebios que são muitos.

Ao que alguém respondeu: O que nos tem valido é haver ainda bastantes Joanninhas.

CONDE DE BERTIANDOS

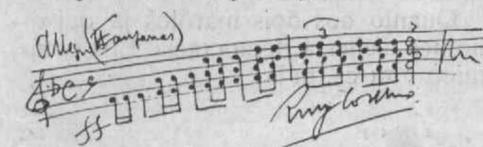
MESTRE: Agradeço lhe do coração tudo quanto me diz sobre o meu livro "Carta a um compositor celebre", e tenho uma grande satisfação em saber que ali o estão traduzindo para ser publicado em breve.

Mil vezes obrigado e oxalá elle tenha mais exito do que o que aqui teve, o que é de esperar. Entretanto vou cumprindo a minha palavra, enviando-lhe de vez em quando impressões sobre a vida musical portugueza, apesar de, como o Mestre me diz, ella lhe interessar somente no que diz respeito a este seu discipulo, que na realidade está tido na sua patria como um musico de que não vale a pena falar, um musico banal.

Olhe, hoje dou-lhe a bôa nova de que acabei a Camoneana n.º 2. Estou radiante! Fiz uma obra que ha-de dar brado no mundo inteiro. Ah! Mestre, Portugal só alcançará toda a grandeza universal no dia em que esta minha obra se ouvir em todo o mundo! É uma obra latina, cheia de mar, de sol, de humanidade! Ah! Mestre, eu posso agora dizer que, na Musica, Portugal é Maior.

E, sabe, vai ser tocada em breve n'um grande Colyseu d'aqui, com mais de 500 executantes. Será maravilhoso! Veremos quando lhe posso enviar uma copia da partitura.

Veja o motivo principal nos metaes:



Devo esta execução a uma comissão de senhoras que, sendo da mais alta aristocracia, formam uma bela elite intellectual.

Este grande concerto é em favor dos feridos da guerra.

Vai chegando o momento da realisação musical portugueza. Esta gente verá em breve que se pode fazer musica sem se tornar necessario ir buscar as cadencias tontas do fado e outras banalidades.

E agora as orquestras já comprehenderão melhor a minha musica, porque n'estes dois annos, na verdade, têm progredido muitissimo.

Sobretudo as cordas, ás vezes conseguem ser exactas. Os metaes, baixos, é que ainda estão muito asperos. Flautas ha aqui dois optimos, assim como um clarinetista, um fagote e um trompista chamado Tavares. E a principal característica de todos é a facilidade immediata de assimilação. Creio que podem já com esta nova Camoneana.

Eu é que a dirijo, porque quero ter o prazer de viver ou morrer com a obra.

Virá o Mestre assistir á execução? Seria para mim uma alegria completa, como deve calcular. Venha, venha!

Enquanto ao artigo que me pediu sobre aquelle concerto de ha dias no Polytheama, em que se tocaram obras dos compositores portuguezes Thomaz de Lima, João Arroyo, David de Sousa e Conde de Azevedo, peço me desculpe de o não fazer porque eu não quero crear mais confusões á minha vida, por isso que, infelizmente, aqui não se pode ter opiniões artisticas.

Se a gente não reconhece valôr musical ao sr. Fulano, gritam logo que é inveja, e záz: são primos, tios, cunhados, que se tornam nossos inimigos.

E os tios, primos e cunhados é toda

COISAS DE NADA

POR

ANTONIO CARNEIRO

Incoherencias...

O Homem, n'um orgulho desmedido, Assim que se confirma outro successo, Aponta-me o caminho percorrido *Na senda gloriosa do Progresso.*

Recorda-me a sciencia accumulada Por tantas gerações, por tantas vidas, E atesta-me a efficacia comprovada Das espantosas coisas conseguidas.

E faz-me pena que a Humanidade Me justifique o divertido pasmo, Quando me aponta, com igual vaidade, Krupp e Pasteur no mesmo entusiasmo.

E' que entre as descobertas da sciencia Tantas contrarias coisas se accumulam Que as ha, de tão risivel incoherencia Que existem como forças que se annullam.

E nós que a uns e outros applaudimos; Que guerreiros e sabios festejamos; Disfarçamos o muito que nos rimos, Porque as mutuas vaidades respeitamos.

Mas a Duvida enorme nos invade; Paira em volta de nós como aventhemal E a sós consigo, toda a Humanidade Faz um pouco de troça de si mesma...

Ex.º Burguez:

Anda o irado burguez A perguntar, sem que acerte, Porque o povo portuguez Cheio de fome talvez, Ainda assim se diverte?

Como é que um povo sem meios, Que se confessa pelintra, Anda em festas e passeios, Invade os theatros cheios, E aos domingos vae a Cintra?!

A' falta d'outra razão, Com esta se satisfaz: —Que olhando ao preço do pão, O povo não é, então, Tão pobre como se faz!

Este assumpto, meu amigo, Excepcionalmente requer Que venha fallar comsigo. Oiça aquillo que lhe digo, E entenda-me... se pudér.

Porque em folguedos se expande Suppõe-lhe a vida agradável; E eu penso, que talvez ande Disfarçando dor tão grande Que lhe seja intoleravel.

A' dor que demais insiste; Ao mal que demais aperte,

a Lisboa; é o empresario, o jornalista e até... o senhorio! Mestre, isto aqui é tudo pequenino. Entretanto deixeme dizer-lhe que, na verdade, ha aqui um rapaz novo, Thomaz de Lima, que de todos é o unico que eu admitto. Oxalá que queira andar. É musico, conhece a orchestra. Com estudo e uma educação artistica completa, realizará uma obra.

Precisa porém, para a sua salvação, ir dois annos para Paris. De contrario, o seu talento, nunca chegará a ter a existencia que deve ter. Os outros, revelam nas suas obras a impossibilidade de crear um traço musical.

Não têm talento creadôr! Não existem n'este campo. É claro que David de Sousa marcou um logar —que é d'elle. É um chefe d'orchestra activo e emprehendedor, util aos empresarios e aos compositores mortos. E' tambem uma missão bella a d'elle.

E n'este campo tem progredido bastante, aproveitando a pratica de tres epochas de regencia. Ha coisas que ás vezes lhe saem perfeitas.

A pratica é tudo!

Nenhuma força resiste. Repare que a gente mais triste, E' a que mais se diverte...

A alma, entregue a tormentos, A' consciencia vae surda! Faz por esquecer soffrimentos, Ser outra por uns momentos, No delirio em que se aturda.

Não creia pela apparencia, Que o povo seja feliz. —E' uma comedia a existencia!— Como, com tanta frequencia, O proprio burguez nos diz.

Illustre bacalhoeiro Atafalhado em fartura: Não tenha por verdadeiro, Que ao povo sóbre dinheiro, Ou que lhe falte amargura.

O acto ás vezes provêm De varias razões ignotas; Eu já conheci alguém, Que andava, ás vezes, de trem, P'ra esconder as botas rotas.

Divisão do trabalho

Como se acerquem as horas D'irmos, talvez, p'rás trincheiras, Varias bondosas senhoras, Se arvoram em fundadoras D'uma escola de enfermeiras.

A este signal apenas, Logo, n'um grande concurso, Surgem heroicas, serenas, Portuguezas ás centenas, A inscrever-se no curso.

E talvez na linda escola, —Emquanto a tira de gaze Nos dedos ageis se enrola,— Muitas vão compondo a phrase Com que uma dor se consola.

Ora outro dia apparece Na pratica hospitalar, Um *nutricia* que se offerece, Mostrando o maior interesse Em o curso frequentar.

Como a possivel campanha Provavelmente não tarda; Todas acham coisa estranha, Que um homem desfie bretanha Podendo co'uma espingarda!

E, alguém, ante o pedido, Diz que alli todo o *nutricia* Tem um logar garantido. E accrescenta com malicia: —Comtanto que venha ferido...

ANTONIO CARNEIRO.

—Sabe? Este anno têm nomeado para o Conservatorio muitos professores de piano.

Não abrem concursos! E sabe porquê? Para o director arranjar muralhas. —Mas... Percebe?

É que elle, o Bahia, professor do curso superior de piano, não toca nada, esqueceu-se, por isso quer lá só pianistas que não o comprometam.

E lá estão. Não tocam, mas recebem. E eu que estudo, sou um ingenuo, porque de nada me serve trabalhar.

Hei-de morrer á fome; olá. Os incompetentes entram pela fechadura da porta, e depois podem comer, o que é a condição elementar da vida.

É verdade. Aquella gente não abre concursos para isto mesmo. Para eu me render pela fome!

E sabe o que têm feito os ministros d'Instrução, que deviam acabar com estas combinações?

Nada. Adeus Mestre, até á quinta-feira proxima.

RUY COELHO



MADAME Delaunay-TERK

Robe e voilette de côres simultaneãs

Meu caro José Pacheco:

V. deu-me a novidade de que eu tinha tido a honra de ter sido o escolhido para fallar de Madame Delaunay-Terk. De feito a minha intelligencia deve-lhe tanto que o meu orgulho de grande gala desfralda as plumas de parada e quer gritar ordens ás divisões em continencia. Porém eu não conheço maior elogio pra Madame Delaunay-Terk que o de conhecer-lhe a obra e esta, pode crêr, é todo o meu orgulho.

Poderia, tambem como apresentação aos leitores da "Ideia Nacional" dar conta da extraordinaria festa simultanista de Sotokolmo onde juntamente com uma exposição dos quadros de Madame e Mr. Delaunay foi lida a "PROSE DU TRANSIBÉRIEN ET HISTOIRE DE LA PETITE JEHANNE DE FRANCE" de Blaise Cendrass e ainda as primeiras symphonias simultanistas dos musicos modernos, mas V. perdê-me que só pra proxima quinta-feira eu tenha a saude sufficiente pra poder dizer bem alto o que eu admiro.

Alem d'isso eu quero ter tempo tambem pra fallar dos costumes simultaneos de Madame Delaunay-Terk cujas maravilhas ainda vivem orientalmente applaudidas nos meus olhos de peregrino.

V. deve saber que vae abrir em Barcelona uma exposição simultanista onde alem de Madame Delaunay-Terk et monsieur Robert Delaunay apenas ha mais trez portuguezes que são: Carozo, Eduardo Vianna e este seu amigo

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

A IDEIA NACIONAL

PREÇOS DE ASSIGNATURA EM HESPANHA E PORTUGAL

ANNO 2\$600 SEMESTRE... 1\$300

RESTANTES PAIZES O DOBRO

PATRIOTISMO

POR

ALFREDO PIMENTA

A hora que a Nacionalidade portugueza está atravessando exige de nós todos a maior somma de sacrificios, e impõe-nos a noção clara das nossas responsabilidades. Neste momento, a idea de Patria e de Nação deve dominar todas as outras, e o criterio exclusivamente nacional deve ser o unico atravez do qual todos os acontecimentos têm de ser encarados. Todos nós, os bons, os maus, constituimos a Nação. Todos nós herdamos do passado o encargo superior de bem conduzirmos a Nação pelo Futuro. Logo, todos nós devemos esquecer o que nos separa, e dar força ao que seja capaz de unir-nos. Nós, os monarchicos, acatando fielmente as indicações de S. M. cumprimos o nosso dever. E El-Rei, formulando-as e tornando-as do nosso conhecimento, comprehendendo a alta missão de que está investido e demonstrou que não nos esquecerá, nem se esquecerá dos destinos da sua Patria. Elle disse e nós cumprimos. Necessario é que campo republicano se proceda semelhantemente — para que a unidade nacional seja um facto real, e não mera figura de rethorica ou ridiculo lugar commum. Para nos collocarmos no lugar em que nos encontramos, para procedermos como estamos procedendo, nenhum de nós, desde o senhor D. Manuel até ao mais simples e modesto partidario da Realeza, formulou exigencias ou reclamações que condicionassem a nossa attitude.

O Rei, conhecendo as circunstancias da politica externa, e nós, vivendo o ambiente da politica interna, para aconselharmos treguas sinceras em luctas politicas, não pensamos noutra coisa que não fosse o bem da Patria que estremecemos. Demos, mais uma vez, um singular exemplo de abnegação e de bom senso, que optimo seria que fosse bem comprehendido e bem imitado. O passo para a phase de socego geral, para o inicio da epocha da pacificação geral da sociedade portugueza, demo-lo nós, sem que ninguem, do campo contrario, nol-o solicitasse, sem que ninguem, do campo contrario, nol-o provocasse com quaisquer promessas, com quaisquer vantagens, com quaisquer compensações. Victimadas de campanhas odiosas, de calumnias infamantes, de perseguções incriveis e de violencias insupportaveis, bem nos podiamos ter dispensado desse gesto, ficando no nosso posto, até que de nós se lembrassem. Mas a Patria é, para nós, o fim de todos os nossos actos e de todos os nossos pensamentos. E então, porque a Patria sofria, porque a Patria perigava — se bem que por acontecimentos de que não eramos responsáveis, nem directa nem indirectamente, — nós entendemos, nós todos, que chegara a hora do sacrificio commum. Em breves palavras, o Rei pôz o problema. E singelamente, sem outra preocupação que não fosse e não seja a de obedecer ao Rei para bem servir a Patria, os monarchicos declararam-se desejosos de que, em Terra Portugueza, a tranquillidade se refizesse e a Politica nacional se iniciasse. Desgraçadamente, vejo, na imprensa afecta ao regime, a continuação das antigas campanhas, ainda acompanhadas das antigas injurias. Vejo que nas proprias fileiras republicanas ha manifestações clamorosas de indisciplina, e manifestações alarmantes de odios violentos. Contra

um dos partidos do regime, o que o sr. Brito Camacho dirige, appareceu, na imprensa democratica, virulentas accusações, apostrophes inconvenientes, que tornam ficticia a união nacional. Contra nós — escrevem-se insinuações injustas. E quando surge, entre nós, qualquer equívoco ou qualquer inofensiva discussão, logo em certa imprensa do regime, e precisamente n'aquella que mais afecta tolerancia, se vê a exploração do facto insignificante, o acirramento systematico do acontecimento. A proposito de uma amnistia que nenhum de nós pediu ou mesmo levemente insinuou, têm-se escripto barbaridades e inconveniencias que nos fazem formular interrogações angustiosas. E sobre essa medida que tudo indica seria de um longo alcance, quando dada amplamente e liberrimamente, fazem-se artigos sobre artigos, entrevistas sobre entrevistas, e não demorada é a sua solução que todos nós, de um lado e de outro, ficamos duvidosos sobre as suas intenções e apprehensivos sobre as suas consequências. A quasi totalidade dos portuguezes é formada por catholicos. Sensato seria que o Regime aproveitasse esta occasião para manifestar sentimentos de concordia e de tolerancia, que mais não fizesse, limando certas arestas das leis chamadas de liberdade religiosa, mas que são na realidade de restricção catholica.

Do lado de cá, fez-se espontaneamente, sem condições a afirmação de que se podia contar connosco, com o nosso sentimento de Portuguezes — quando fosse preciso para a Patria. O que se respondeo, o que se está respondendo do lado de lá? Tudo quanto pode ocorrer a cerebros tresloucados ou a consciencias manjacas. Exige-se de nós a completa abdicação, a completa sujeição. E pouco faltou para se dizer que o nosso gesto era adhesão á forma republicana — quando se não afirma que elle representa uma mentira repugnante.

A união nacional é necessaria. E só quem não amar a Patria pode dificultar a sua realisação.

Mas tenho por certo que ella é impossivel, e jamais corresponderá a uma realidade certa, porque ha, nas regioens politicas, um sentimento que tudo dissolve e tudo estraga: o medo. Nós demonstramos que não tinhamos medo dos republicanos — tanto que dissemos que tentasse a Patria connosco, sem condições, sem restricções. Mas os republicanos têm um medo invencivel dos monarchicos — tanto que não fazem outra coisa que não seja bradar alerta! Cuidado!, Cautella! Este sentimento do medo inutilisa todos os esforços e todas as boas vontades; impede todas as cooperações e provoca todas as inconveniencias.

A união nacional só pode efectuar-se, baseada na confiança mutua. O senhor D. Manoel, mandando-nos, por intermedio do Senhor Conde de Sabugosa, o seo telegramma politico, indicou que não fugio, nesta hora de perigo, do contacto dos republicanos.

Mas estes tem-nos medo, como se nós possuíssemos uma força invencivel, e como se a Delicadeza, a Boa-Educação não mandassem que tomassem como leaes, honradas e nobres, as palavras do Rei.

Emquanto o medo subsistir, a união sagrada é impossivel, Emquanto as sombras derem a impressão de que são

peçoas, e as palavras de paz forem tomadas como disfarce de intuitos de guerra, — a união nacional é impossivel.

E isto só demonstra uma coisa: a fraqueza dos sentimentos patrioticos perante a força dos sentimentos partidarios. E' bem lamentavel que isto assim seja. E' bem lastimavel que tão baixo andemos, de modo a não permitirmos que o nosso *patriotismo* domine o nosso *partidarismo*! E' bem triste que se seja primeiro outra coisa que não seja portuguez, patriota, nacional. E bem singularmente lamentavel que as preocupações das conveniencias partidarias ofusquem as preocupações das conveniencias nacionais. E' bem de entristecer que, nesta hora de ameaças graves, a Monarchia ou a Republica se antepontam á Patria!

E esta, é infelizmente, a triste realidade. O senhor D. Manoel (honra lhe seja feita!) vio nos republicanos portuguezes. Só os republicanos persistem em ver em nós monarchicos apenas. Tudo é triste, não por nós que nada queremos do regime, a nada aspiramos no regime, e temos as nossas convicções; mas pelo Paiz que soffre com todas as divisoens, com todos os antagonismos, com todas as discussões estereis, com todas as questiuñculas vãs.

A união nacional é precisa. Mas a união nacional é impossivel, porque o medo que tudo dissolve anda entre nós, e o odio que tudo perverte não abandonou a vida portugueza, e o partidarismo que tudo corrompe, é o criterio geral.

Tenhamos confiança, sejamos tolerantes e sejamos patriotas. Em tão pouca conta temos a Patria, que só olhamos para nós e a esquecemos a Ella?

ALFREDO PIMENTA.

QUINQUILHARIAS

I

A IDEIA NACIONAL

POR

ARTHUR BIVAR

É minha intenção, (e podia ser peor) não marcar os leitores nesta rubrica da nova revista. **Quinquilharias**, diz o venerando dictionario do sr. Candido de Figueiredo, *f. pl.*: Pequenos objectos, de forma e natureza varia, para brinquetes de creança ou para enfeites. Quadra a definição ás chronicas que vou mandar semanalmente para este cantinho da *Ideia Nacional*: serão pequenos artigos, de forma e natureza varia, para divertimento e enfeite.

Qualquer circunstanca fornecerá cada semana o assnmpo. Por exemplo: inauguraremos a secção enchendo as cinco tiras com algumas considerações acerca da *ideia nacional*.

Em plena guerra internacional, é curioso recordar algumas variantes da idea que todos formamos da patria. A *ideia nacional* do allemão parece ser ainda a que, em principios do seculo passado, inculcava Ernesto Mauricio Arndt na famosa poesia: *A patria do allemão*:

*Was ist des Deutschen Vaterland?
Ist's Preussland? Ist's Schwabenland, etc.*

e, depois de ir enumerando todas as outras regiões da Germania, conclue que a patria do allemão é... onde quer que soe a lingua allemã.

*So weit die deutsche Zunge klingt
.....
Das soll es sein!
Das, wackerer Deutscher, nenne dein!*

Esta de *chamar sua* o inquilino á casa onde mora, só porque nella fala a sua lingua, é novidade que não pode agradar... aos senhores! Por isso anda hoje quasi toda a Europa em guerra contra as hordas do kaiser, que parece repetir-lhes com o bardo patriota: *nenne dein, nenne dein!*

Consolemo-nos com outro allemão, muito menos assanhado patriota que o auctor do *Geist der Zeit*: o philosopho Schopenhauer. Este, um dia, no *Caffé Greco*, em Roma, onde costumavam reunir-se os artistas e escritores seus compatriotas, teve o descóco de annunciar á sociedade que a nação allemã era a mais estúpida do mundo, mas que num ponto era superior a todas: em ter conseguido passar sem religião! Tempestade no *Caffé Greco*! — (veja-se a 6.^a Symphonia de Beethoven, para se fazer uma idea do que é uma tempestade num café allemão, ainda que se chame *Grego* e seja na *Italia*). As ideas antipatrioticas de Schopenhauer acirraram-se

com aquelle incidente. Um dia que elle confessava, num grupo internacional, que se envergonhava de ser allemão, um francès replicou: «Se eu assim pensasse da minha nação, pelo menos não o diria!» Razão tinha Boehmer, recordando o facto, ao dizer que, como Schopenhauer, «os philosophos anti-allemães e irreligiosos deviam ser todos engaiolados por utilidade publica!»

Pessimista era tambem Leopardi, o grande poeta italiano, mas o sentimento do amor patrio nunca o perdeu. Apesar de fraco, doente e marreco, na famosissima ode *All' Italia*, remonta-se a excelsas alturas, e, no seu entusiasmo poetico, pede armas, armas, que elle, sósinho, combaterá, succumbirá por Ella:

*Armi, quà l'armi! Io solo
Combatterò, procomberò sol'io!*

Com lettra franceza cantava-se, pouco antes da guerra, a *Internationale* socialista, oriunda da Allemanha, que via no desaparecimento das fronteiras a salvação do genero humano:

*C'est la lutte finale
Groupons-nous, et demain
L'Internationale
Sauvera le genre humain!*

Lindo sonho que pode arquivar-se ao lado d'aquelles versos de Lamartine sobre limites e fronteiras que «os olhos de Deus detestam», e em que o poeta nos diz:

*...je suis du climat de mon intelligence
Je suis concitoyen de toute àme qui pense.*

Esta internacionalisação das *almas* ainda se me afigura mais difficil quando considero o ciu-me com que o homem moderno trata os interesses dos *corpos*! Longe de mim a idea de comprometter com este primeiro artigo a *entente* franco-inglesa; mas não consigo evitar que me occorra o conhecido *refrain* do cançonetista popular Pierre Dupont:

*Bon Français, quand je vois mon verre
Plein de ce vin couleur de feu
Je pense, en remerçant Dieu,
Qu'ils n'en ont pas en Angleterre!*

E se o *bom francès* assim pensa, o *bom inglês* amante do seu *island home* não parece muito disposto a acelarar a chegada d'aquelles aureos tempos cantados pelo immortal Tennyson, na *Ode para a abertura da exposição internacional*, tempos em que o «bello e albialado anjo de paz avoejará para felicitar a todos debaixo do ceu»

*Aud all men work in noble brotherhood,
Breaking their mailed fleets and armed towers...*

Verdade seja que tambem aqui ha seculos, na propria Inglaterra, o humanista Wem, cognominado o Marcial inglez, cantou em deploraveis disticos latinos:

*Illa mihi patria est, ubi pascor, non ubi nascor;
Illa ubi sum notus, non ubi natus eram.*

Patria, para mim, é onde como, não onde nasço; é onde sou conhecido, e não onde nasci! Isto é, na verdade, muito *shocking*, e está muito *shockingamente* escrito — se me permittem o adverbio, que já sou Camillo, numa nota á versão da *Formosa Lusitania*. Mas se alguém pode protestar contra o materialismo anti-patriotico do Marcial britannico, não são decerto os nossos vizinhos hespanhoes. Tambem por lá se encontra hoje muito quem repita, como D. Francisco de la Torre:

*Donde hallo bien, es Patria, y de otro modo
Allí donde hallo mal, destierro es todo!*

E este D. Francisco, e com elle os modernos, que tão baixa idea formam da patria, são imitadores servis dos epicuristas antigos, que diziam com Teucro, quando ao regressar de Troya foi mandado para o exilio:

«Patria é onde se está bem», *patria est ubi-cum que bene est...* — segundo narra Cicero, nas *Tusculanas*.

E entre nós? Ah! entre nós, infelizmente, a idea nacional tambem anda em muitos espiritos bastante rebaixada. Quantos não vêm em *patria*, apenas, um anagramma perfeito de... *a tripa!* E em boa verdade: se repugna crer que a patria não é onde se nasce, mas *onde se come*, como queria o inglês do «*non ubi nascor sed ubi pascor*» — muito patriotismo é preciso para se chamar patria á terra... *onde se é comido!*

E vou acabar esta primeira chronica, reconduzindo os leitores ao *Caffé Greco*, onde Schopenhauer, coripeu dos pessimistas, deu o degradante espectáculo de insultar a sua propria patria. Imaginemos que ali, no Café Grego, surgia naquelle momento o immortal Homero, o principe dos poetas da Grecia, e que assim admoestava, grave e solemne, o representante da *Kultur*, com estes três versos da *Odyssiea*:

*Os kouden gliuon e patrios, onde tokeon
Ginetai, eiper kai tis apoprothi piona oikon
Gate en apo dape naisai apantei gonouon.*

Nada é mais suave que a patria e os parentes, embora alguém, em terra estranha, longe dos seus, possua uma casa opulenta!

Com este pensamento, que meditei em cinco annos de exilio, saúdo quantos ainda por lá gemem saudades da patria, e quantos, com esta revista, escrevendo-a e lendo-a, procuram entervorar-se no culto desinteressado e puro da linda terra que nos foi berço.

ARTHUR BIVAR.

THEATROS



POR

DOM JOSÉ PAULO DA CAMARA

(Desenho de ANTONIO SOARES)

HOMEM! Você é que me vae escrever sobre theatros para a "Ideia Nacional". Valeu?

— Vámos a ver...

— Não ha cá, vamos a ver... Ou sim ou sopas! Vá! Seja amavel uma vez na sua vida. Aceita?

— Pois seja! Aceito.

— Mas olhe que o 1.º numero tem de estar completo com bastante antecedencia. Dá-me o original amanhã de manhã?

— Tudo quauto V. quizer.

— E não falta?

— Não falta, vá descansado.

Não falta! E é que todos somos assim. Isto de não saber dizer que não, é tão portuguez como o fado chora-dinho, as queijadas de Cintra ou os fatos de puro cheviote inglez que, segundo me contam, são todos da Covilhã, d'onde as fazendas sahem até Londres, para voltarem com etiqueta chic e... mais caras.

Mas eu explico, se me dão licença: sahi de Lisboa ha cinco annos, voltei ha mezes e sinto-me estrangeiro na minha Patria. Lisboa, qual outro bicho de seda, fez casulo e transformou-se. Tudo mudou, não exceptuando mesmo o que era mau, que está... peor.

A orthographia, o dinheiro o azul do ceu, o serviço militar, a brandura dos nossos costumes, a gebice das meninas da Baixa, tudo está de pernas para o ar, com licença das supracitadas donzellas que devem tomar a expressão no sentido o mais figurado que lhes seja possivel.

E os theatros, que é o que n'este momento mais me interessa? Antiga-mente, sabia a gente com o que contava: duas companhias de declamação, duas de operetta e revista, uma só para rir, outra só para chorar, duas de feira e duas... de profissião desconhecida. E d'aqui não se sahia!

Mas, emquanto eu andei por longes terras, mudaram-se os nomes, mudaram-se as companhias, mudaram-se os generos, mudaram-se as horas e, o que é muitissimo peor, creio que se inventou uma chocadeira-metralhadora de auctores, actores e actrices, a qual, á imitação do riquissimo alemtejano que tinha um porco por minuto, cria um actor e uma actriz por segundo e gera as peças gemeas, por não ter tempo material para as dar á luz cada qual por sua vez. As revistas, essas então, surgem ás ninhadas, como crias manhosas de gatas vadias!

E aqui me teem V. Ex.^{as}, apanhado de surpresa para critico theatral, sem conhecer os nomes dos theatros, a posição geographica dos artistas, a nomenclatura dos mesmos, a vera effigie e consequentes appellidos dos auctores, etc., etc.

E são quatro horas da manhã, tenho de entregar esta chronica ás oito, e as doze tiras de papel, aparte as tres cheias já com este arrasado que me faz perder a paciencia e os leitores, continuam brancas, implacavelmente brancas, tão brancas como eu, que lhes dou a minha palavra de honra de que á meia noite ainda era morenissimo.

Esta minha afflicção de agora, faz-me

lembrar os tempos que já lá vão. Quando eu era pequenino e louro (isto é uma maneira de dizer) tinha a mania quasi innocente de devorar folhetins: lia os dois do "Seculo", os dois do "Diario de Noticias" e um da "Tarde".

Disto, e da semelhança dos romances publicados nos referidos jornaes, resultava que eu fazia na minha pobre cabeça um só folhetim no qual entravam personagens de todos os cinco.

Assim, lembro-me perfeitamente que um dia, recordando varios episodios dos ultimos numeros, por um lamentavel equivoco a que foi alheia a minha boa ou má vontade, lancei o joven pintor da 3.ª pagina do "Noticias" nos braços da loura e impeccavel marqueza da 1.ª folha do "Seculo". Recuei instantes depois aterrorisado ao recordar-me de que, encontrando-se o collega de Miguel Angelo na California e a nobre e casta titular em Londres, só um milagre ou um horrivel cataclysmo poderia ter unido aquellas duas boccas oceanicamente separadas. Racionnei então e quiz ter a esperanza que o pintor pertencesse ao delicioso romance da "Tarde". Não o encontrei, porém, lá, e só soceguei no dia seguinte, quando fui dar com elle na sua pagina do costume, a roubar beijos a uma creada de hotel. E é assim que se escangalha uma reputação como a da marqueza!

Pois hoje acontece-me o mesmo com as revistas. Eu vi muitas, lá isso vi. E em muitos theatros! Mas quaes— n'este ou n'aquelle? Mysterio! Começo por não me lembrar ao certo se o theatro Apollo é na Avenida, se a Sr.ª Berthe Baron entrou na "Maré de Rosas" e se o Nascimento Fernandes deu cambalhotas artisticas no "Dominó" ou no "Não Desfazendo".

N'estas condições, resta-me apenas adoptar a forma de proceder dos chronicistas elegantes quando dão as assistencias ao Chiado Terrasse. E como elles direi:

Entre outras revistas lembra-me ter visto as seguintes:

"Diabo a Quatro", "Capote e Lenço", "Rosa Tyranna", "Dominó", "Palavra de Honra", "Não Desfazendo", "No Paiz do Sol", etc. etc., mais umas 11 ou 12 de que me não lembra o titulo.

Todas ellas, tirando dois ou tres numeros a uma reduzida minoria, são como os mandamentos da lei de Deus: podiam dividir-se em duas, a saber: uma revista má, e outra... pessima.

Exceptuaremos a "Não Desfazendo", que nos ficou de memoria por ser a *menos peor* e o "Dominó" que tinha uma lindissima musica, colhida ou inspirada nas canções populares portuguezas.

Muito de proposito, não incluímos na resenha acima feita a revista de Schwalbach "O Dia de Juizo", que merece especial referencia como verdadeira obra prima do genero, que conseguiu bater o record das receitas theatraes, sem para isso ter de recorrer ao *piadão* grosseiro ou a coristas bem despidas.

Se para escrever revistas boas tambem fosse preciso apresentar um diploma, poderia dizer-se do auctor d'

"Os Postiços", que conseguiu tirar com distincção um curso onde os outros apenas haviam aprendido a ler, escrever e contar: ler almanachs, escrever baboseiras e contar... o que leram.

Justo é repetir que se deve exceptuar de tamanha e tão justa severidade a revista "Não Desfazendo...", onde se encontravam qualidades de decencia, de boa graça e de originalidade de que o auctor não quiz abusar n' "A Maluquinha de Arroyos", por já talvez andar afadigado com a preparação das suas "Migalhas" da *Capital* onde, quem sabe se em nome da União Sagrada, incitava o povo a tremebundas violencias contra imaginarios traidores.

E tratemos agora do que falta para pôr em dia a nossa escripturação, a fim de iniciarmos uma conversa semanal em termos.

O antigo theatro D. Amelia (este sei eu como se chama agora, mas não posso dizer), reconstruido e menos sympathico, depois da sua inauguração com "Os Postiços", deu-nos algumas recitas da companhia franceza de Guitry, que constituiram um grande, enorme prazer espirital para os que sabem apreciar a verdadeira arte de representar.

Lucien Guitry, sempre admiravel, deu-nos as melhores peças de Bernstein, o *Emigré* de Paul Bourget, que agradou extraordinariamente, a *Mas-sière*, o *Genro do Sr. Poirier* (que Chaby levou depois em festa artistica obtendo um vivo successo) e o *Abade Constantino*, no qual o famoso Guitry, alem de não ter sido famoso, foi um abade que... se não ergue nem reza ás Ave-Marias, não sabemos se por terem os padres francezes a especialidade de serem surdos á hora do pôr do sol ou se por prevenção amigavel de qualquer Centro Radical Anti-Clerical Defeza da Republica 5 de Outubro — 14 de Maio.

No "Samson", como no "Assaut", Guitry foi mais do que superior, porque foi o maior. Não é possivel interpretar e sentir melhor um personagem. No "Emigré", emocionante e tragico, provou que não é demasiado elogio compara-lo aos maiores artistas de que se conhece a fama.

Deu-nos depois o theatro da rua do Thesouro Velho a "Noite de Santo Antonio", de Vasco de Mendonça Alves, auctor de outras peças de grande successo, que lhe grangearam um nome invejavel no nosso meio.

A imprensa, a nossa impagavel imprensa, bateu desapiedadamente no drama do auctor de "A Conspiradora". Quasi todos os jornaes, á excepção de dois ou tres, se atiraram á peça como allemães a Liège. Mas, pela forma como o fizeram, e pela sinceridade que apregoaram, tudo nos leva a crer que o maior defeito encontrado na peça foi o de ter sido escripta... por um thalassa.

A "Noite de Santo Antonio", está longe de ser uma peça impeccavel; mas tão afastada está tambem de ser a peor d'este anno, que não hesitamos em affirmar que só se distanciou das outras por ser... a melhor.

Nem sequer, como tantas vezes, se

pode accusar o auctor de ter estragado uma ideia, visto que esta era exactamente o peor da peça, cujo segundo acto, porém, como modelo de observação de typos e costumes lisboetas, constitue um verdadeiro primor, assim como o ultimo acto que attinge uma intensidade dramatica que nem todos saberiam conseguir.

Perdoar-se-hia á imprensa que atacou a peça a sua severidade, se ella não viesse logo em seguida pôr nos pinaculos da lua os fallecidos "Redemptores da Illyria", cuja maior qualidade, para elles, consistia provavelmente em ser escripta por um democratico, que é aliás um rapaz intelligente e com um nome bem firmado já na nossa litteratura dramatica.

O que é facto é que ambas as peças cahiram: uma, porém, porque lhe passaram uma *rasteira*, emquanto a outra, pobrezinha!, não houve estaca que a salvasse, embora se empregassem as mais reputadas.

Deu-nos ainda o ex D. Amelia a peça ingleza "O Cardeal", a que nos referiremos no proximo numero.

O antigo D. Maria alcançou o mais vivo successo com o "Frei Luiz de Sousa", em que se nos revelou o talento extraordinario e precoz da actrizezinha Judith de Castro que *viveu* o papel de Maria de uma forma assombrosa.

Procuraram os restantes artistas, com carinho, desempenhar-se a contento geral dos seus papeis, salientando-se Pato Moniz na linha verdadeiramente fidalga com que encarnou a difficil figura de Manoel de Sousa Coutinho.

Dois outros successos se seguiram no outr'ora infeliz theatro: "D. Perpetua que Deus Haja", engraçada comedia de Chagas Roquette e "Coimbra Terra d'Amores", deliciosa evocação de Vicente Arnoso, cheia de frescura e de terna simplicidade.

Depois, como theatro de educação que se presa de ser, annunciou-nos "O Serão das Laranjeiras" *completo*, isto é, mais apimentado, mais puxante, mais a gosto dos leitores de romances bregeiros dos kioskes do Rocio. Não pegou!

O Gymnasio, entre o repertorio antigo e o moderno, tem conseguido crear-se um publico immenso e escolhido, que não regateia os seus applausos a Maria Mattos e Mendonça de Carvalho, os dois intelligentes emprezarios d'aquelle sympathico theatro.

Que tivemos mais? Palhaços e opera no Colyseu, que não raro se encheu até á porta; o que mais uma vez confirma o *savoir faire* do commendador Santos; uma companhia modesta mas trabalhadora no Polytheama, onde alguns novos teem mostrado inegaveis qualidades; uma "Soror Marianna" do Sr. Julio Dantas, que não vimos, e que foi aproveitada anti-jesuíticamente pela imprensa mata-grades para barafustar mais uma vez sobre um velho thema; e uma "Freira de Beja", do Sr. Ruy Chianca que tambem não vimos e que, segundo nos disseram, não era tambem feliz.

E até para a semana.

JOSÉ PAULO DA CAMARA.

A ORDEM DO DIA

POR

ROCHA MARTINS

Desenhos de ANTONIO SOARES



marquês das Minas, encarando os seus collegas da Regencia do Reino, pediu gravemente a sua demissão.

Olhou-os com pronunciado desdem, deu uns passos sob o lustre que tremeu no tecto do palacio do Rocio, e dirigindo-se ao ministro inglez Carlos Stuart, que tambem fazia parte do conselho. expoz as suas razões.

Lord Beresford, tornado marechal do exercito nacional, offendera um seu parente n'aquillo que um portuguez tinha de mais sagrado: a sua valentia.

Não fôra a patente do lord, não andasse em guerra o reino e ambos derimiriam o pleito. Assim o fidalgo seguiu outro caminho.

"Quem quizesse podia ainda ali ficar... Elle não."

Podia, como sempre, o principe ausente, contar com a sua vida, com a sua espada, com a sua dedicação mas jamais entre o conselho onde o inglez dominava. E, no mesmo tom, narrava o agravo ante os outros governadores mudos de pasmo.

O conde de Redondo seguiu com a vista dois anjos rosados voando no painel do tecto; o principal Castro olhava as mãos de grossas veias; o ministro inglez fleugmatico sentia a chuva granizando nas vidraças enquanto D. Miguel Forjaz traçava arabescos com a penna de rama n'um papel d'officio.

A voz do grande fidalgo erguia-se sempre n'aquella hora tragica para a patria.

Seu primo, D. Francisco José de Mello Breyner Telles da Silva, primeiro conde de Ficalho, fôra desprestigiado n'uma *Ordem do Dia* vinda do inglez. Fôra sempre um valente militar, odiava os francezes, movera-se contra elles mesmo nos momentos indecisos em que os britannicos bordejavam medrosamente com as suas naus nas costas de Portugal; vinha d'uma geração que jamais hesitara em derramar sangue, e agora, á volta d'um combate, doente, destituam-no do seu posto de major d'infantaria 13, dizendo-se que hesitara em servir o seu principe.

O conde de Ficalho, recebera no leito a noticia do insulto brutal a estalar como uma bofetada na sua face d'enfermo.

Continuassem, pois, os fidalgos portuguezes de parceria com o lord n'aquelle governo. Elle pediria o seu logar n'uma trincheira, mas jamais ficaria ao lado de quem manchara com tal offensa o seu sangue.

Desde o dia em que Bernadim Freire lançara o seu protesto contra a capitulação de Cintra, em que só portuguezes eram sacrificados, nunca mais uma voz altiva se erguera contra os ingleses que dominavam no paiz.

Acabara; saudou e sahju. Os seus passos soavam ainda na sala visinha, tilintaram os pingentes do grande lustre, ródou com estrepito uma sege e a voz do ministro inglez ergueu-se:

"Meus senhores... Continua o conselho."

Arrastaram-se os cadeirões de couro; os governadores do reino sentaram-se e a sessão continuou n'aquelle dia invernos de janeiro em que havia guerra com a França.

O conde de Redondo pôz-se a espreitar as carnes côr de rosa dos anjos do painel; o principal Castro puxou do lenço e da caixa do rapé. A chuva batia nos vidros; o vento abalava as portas no grande palacio onde se installara outr'ora a Inquisição.

O conde de Ficalho foi preso. Beresford obrigou-o a pedir a demissão. O fidalgo, ainda convalescente, passou algumas noites taciturno no palacio do Bairro Alto. Um dia viram-no atravessar as ruas levando uma mochila de soldado.

da sua bandeira, causando o pasmo dos officiaes inglezes a cujas ordens, por vezes serviu. Resgatara, n'um anno, essa doença que o não deixara marchar quando o mandavam e Beresford, no seu quartel general, já esquecido da sua severidade, ia ordenando para outros mais castigos, mais notas, fallando em disciplina a todo o transe com a sua vozita aflautada, a cabecita arqueira movendo-se d'entre a golla alta do uniforme.

Mas as proezas do conde de Ficalho eram já legendarias no exercito. Soldados velhos celebravam o heroe nos

cido, que não se chamava impunemente cobarde a um portuguez embora depois viessem as desculpas.

Estivesse o reino em paz e o inglez no Conselho mais do que nos commandos que elle lhe pediria contas.

Assim era necessario esperar. O tempo passava. O general em chefe começava a colher os primeiros beijos na bocca rosada da viscondessa de Juromenha.

Rolavam as artilharias, desencadeavam-se as refregas, cahiam os soldados aos montões e o conde de Ficalho, já tenente coronel d'infantaria 8, estava em Hespanha com o seu regimento batendo-se sob as ordens de Wellesley.

De dia para dia mais o amavam aquelles soldados sob cujas tendas dormira, mais o admiravam os recrutados a quem ensinara a morder cartuchos, rodeavam-no de atencões os officiaes como a fazerem-lhe esquecer o agravo. Escreviam-lhe os esportes para que viesse cuidar da sua saude, pedia-lhe a esposa que regressasse, agora, para demais, desfeito o insulto.

Não vinha. Enquanto houvesse guerra não a deixaria para que ninguem o julgasse medroso da morte.

Fallava-se apenas em hecatombes. Regimentos inteiros ficavam juntos ás muralhas das fortalezas; cadeias de prisioneiros eram internadas nas legiões francezas e os exercitos imperiaes avançavam com as suas aguias de presa a gerarem a desolação na península. Entre as phalanges inglezas os pequenos soldados portuguezes batiam-se bravamente e quando ao fim das batalhas se cavava as sepulturas ou rechinavam nas fogueiras os cadaveres mutilados as *Ordens do Dia* britannicas não continham mais nomes d'heroes dos seus que dos nossos.

"Todavia a impressão da primeira *Ordem do Dia* em que Beresford se excedera não se dissipara no animo do conde de Ficalho.

Batia-se sempre; não hesitava; queria ser o primeiro.

Decerto quando a guerra findasse o inglez veria na sua frente o fidalgo.

Dera-se a batalha de Salamanca. O 8 d'infantaria praticara prodigios em Arapyles. Andara no assalto de muralhas, fizera parte das avançadas e Wellesley vira-o no fogo. Cobrira-se de gloria.

Á tarde, quando o inimigo foi vencido, procurou-se o tenente coronel conde de Ficalho.

Lá estava n'um socalco, a farda aberta, o sangue escorrendo d'uma larga ferida, a espada ao lado luzindo ao sol que ia morrendo tambem n'um largo rastro vermelho.

Agora não era já sequer uma recordação a *Ordem do Dia* de Beresford que atravessava o salão do seu quartel general, chupado, vermelhusco, teso no uniforme levando sob o braço esquerdo o seu chicotinho e conduzindo com o direito a senhora viscondessa de Juromenha.

ROCHA MARTINS



la partir para a guerra mostrando assim não ter sido tolhido pelo medo.

Podia sentil-o bem o inglez; soubessem-no os governadores do reino.

Não era já um official mas simples soldado voluntario a morder cartuchos emquanto a guerra durasse. Durante a luta não seria o alcaide-mór d'Alcanede e Pernes, o senhor de Villa Verde de Ficalho, o commendador de Via Todos, Pinhel e Gouvêas mas um portuguez offendido prompto a resgatar-se do insulto d'um estrangeiro que fallava em disciplina e parecia querer conduzir a chibata a tropa, o governo, o reino.

Tinha posto o pé em Portugal e fôra ordenada obediencia em nome dos interesses nacionaes, levantara um exercito e creara legiões e ordenanças, emquanto os seus compatriotas mais praticos ficavam em Londres por detraz dos balcões.

Ah! não houvesse a guerra e o marechal sentiria a resposta.

Assim era preciso não se eximir morte n'um resgate do seu nome, n'uma digna acção de quem mais nada podia. Procurou, então, os logares de perigo, os pontos de carnificina, á defeza

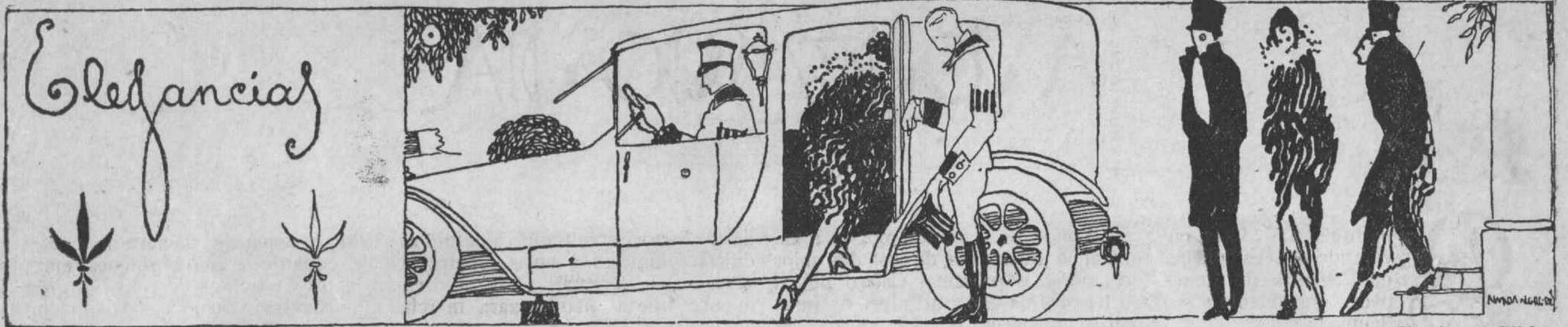
acampamentos; viam o seu antigo capitão comendo da mesma marmitta, dando o exemplo na primeira linha de fogo, nos assaltos, nas tomadias tendo sempre espalhada na face a doença e a melancholia. Officiaes britannicos narravam os feitos do voluntario com respeito e embora continuassem mudos os governadores do reino, o marechal reflectio.

A nova *Ordem do Dia* em que dava satisfações ao fidalgo foi bem acolhida no exercito. Reconhecera-lhe a doença, fallara da sua bravura, retratara-se das palavras que um anno antes lhe dirigira.

Tambem o reintegrava no seu posto julgando-se assim quite. O conde de Ficalho é que sentia ainda o insulto.

Era necessario mostrar a esse militar d'aventura, a esse soldado de fortuna tornado chefe d'um exercito e enobre-





Desenhos de ALMADA NEGREIROS

Figurinos de BILL

ELEGANCIAS

A minha querida leitora vae a Nice, não é verdade? E' tão agradável e tão doce a Prima vera sob o sol tepido da Riviera!...
 Ponha então, para a viagem em caminho de ferro, aquelle famoso vestido "tailleur" cinzento on kaki, tão pratico, tão commodo e que está agora tanto em voga. Escolha entre os seus chapéus um gentil e simples, mas não tão simples como a maior parte das senhoras tem a mania de usar em viagem. Não lhe recommendo, evidentemente, um chapéu de "aigrettes" ou de "paradis"; mas uma guarnição de fita e umas

perolas bem applicadas completarão graciosamente a sua toilette e dar-lhe-hão uma nota de elegancia requintada e discreta. Nada de flores; o seu aspecto depois de vinte e quatro horas de viagem é lamentavel e o fumo da locomotiva veste-as de luto. Quanto ás luvas, evite a todo o transe pôr durate a viagem luvas usadas, de côr duvidosa, como fazem muitas senhoras; escolha pelo contrario dois pares de luvas laváveis de cores claras, cinzentas, amarellas ou "chamois", e reserve um par para a chegada, afim de apparecer ás amigas que a esperam tão fresca e graciosas como no momento da partida.
 Esconda o seu lindo rosto sob um veu crême de tulle de Malines e não se esqueça de fixar na

"boutonniere" a bandeira do seu paiz, n'uma miniatura de esmalte, para ser bem recebida em toda a parte e dar assim uma nota curiosa á sua toilette. Uma elegancia do nosso tempo veste-se com tanto requinte para uma viagem como para um chá ou para uma "premiere".
 Ah! vão alguns modelos sugestivos de "tailleurs" de viagem especialmente desenhados por um grande mestre da Moda para as amáveis leitoras da IDEIA NACIONAL.
 O n.º 1 é um "tailleur-boléro" de sarja, em xadrez branco e preto. A gola e as bandas do boléro, a cintura, os bolsos e o largo galão que se vê na parte inferior da saia, são em oleado preto. Botões de aço.

O n.º 2 é em "gabardine kaki", jaqueta ajustada ao corpo, gola de "piqué" branco.
 O n.º 3 é um "tailleur" de sarja azul-horizonte de forma original guarnecido de "soutaches" do mesmo tom; saia com algibeiras na frente e grande roda.
 Finalmente, o n.º 4 é em "gabardine noisette" com bandas e guarnição de camurça amarella; saia também muita ampla.
 E aqui lhes deixo já com que se entretendam se quizerem fazer convenientemente os seus preparativos de viagem, até á minha proxima chronica.

CRISELIDIS



CONSULTÓRIO DO AMOR

ESTA consulta é gratuita e o segredo profissional, absoluto! Alem d'isso, como vantagem apreciavel, ha ainda a acrescentar: ninguem é forçado a seguir á risca as prescripções do medico, que, de resto, não vem aqui apregoar a sua infalibilidade.

Tenho porém para acertar duas condições que me dão uma certa garantia: a primeira, a minha longa experiencia; a segunda, os meus cabellos brancos. Com esta enorme superioridade sobre a gentil leitora que me lê, e que guarda no fundo do coração um segredo que a ninguem ainda confiou, uma indecisão sobre o que significa a attitude d'Elle, e sobre a sua propria attitude, este consultorio vae ser-lhe um enorme beneficio!

Principiarei por dizer-lhe que desconfie d'Elle! Não calcula a perversão que por vezes se occulta por detraz de um bigode á americana! Desconfie, minha senhora, desconfie sempre!

Ao dar-lhe este conselho vem-me á ideia uma senhora que conheci, e que foi cruelmente ludibriada. A unica diferenca entre a perfidia masculina de esse tempo e a de hoje, consiste apenas em que se occultava então por detraz de uns bigodes retorcidos aos cantos!

No resto, é tal qual.
 Pois a tal senhora, que tinha muito espirito, e que fazia do espirito como que um biombo que antepunha aos sentimentos, dizia-me a proposito do desenfado que acabava de sofrer. — "Você lembra-se da phrase do Cyrano á Roiane no ultimo acto?" — *Grâce á vous une robe a passé dans ma vie...* Eu, como unica consolidação, dei: *Grâce á vous un pantalon a passé dans ma vie!*

Esta senhora não ouviu os meus conselhos, aliás não soffreria o que soffreu, nem o seu fino espirito teria tido mais uma occasião de se manifestar.

O desabafo é um grande beneficio, o que nem sempre se encontra é pessoa com quem possamos desabafar. Quantas vezes mesmo ao nosso maior amigo sentimos como que o pejo de revelar o que nos vae na alma!

É neste caso que mais facilmente nos confiaremos a um desconhecido, que não sabe nem nunca saberá quem somos, tornando assim a confidencia mais facil, o desabafo mais efficaz.

Encontrareis n'este humilde medico d'almas o confidente, o conselheiro, e o amigo. Recorrei

pois a mim, todas quantas sentirdes necessidade de vos confiar ou pedir um conselho.

E já que fallamos de amor, e que de amor apenas aqui trataremos, desejava ouvir as minhas leitoras sobre varios problemas que ao amor se reportam.

Um, e dos que mais debatidos têm sido pelos psychologos de todos os tempos, é a idade do amor. Qual é a quadra da vida em que o amor se apodera com mais violencia da nossa alma e com maior despotismo nos escravisa? Ha quem attribua á primeira juventude esse poder, quando a alma é como uma flôr que desabrocha para a vida em toda a sua pureza, cujo perfume inebriante nunca mais poderá readquirir a primitiva intensidade.

Outros, affirmam que a idade do amor é a que representa a plenitude da vida, e por conseguinte do sentir, e que é aos trinta annos que todo aquelle que aprecia a sua independencia se deve defender das paixões que escravizam, que absorvem e consomem uma existencia.

Eu, que já ha muito passei o cabo tormentoso dos quarenta, e que navego a todo o panno para as desoladas plagas em que floresce o rheumatismo e o catarrho, mas que nas minhas *flanerías* de solteirão impenitente sinto o coração palpar como se fosse ainda novinho em folha, posto que d'elle tenha usado e abusado, penso para me consolar d'esse fugir de mocidade que não volta mais, que é ao declinar da vida que está reservado o prazer, delicioso e amargo ao mesmo tempo, de saborear o verdadeiro amor!

E a leitora o que diz?
 Todas as respostas que receber serão aqui publicadas, bem como as minhas ás consultas que me forem dirigidas, e desta intimidade espirital com as minhas clientes alguma coisa surgirá de proveitoso para ellas, de interessante para todos e de muito agradável para mim.

JOÃO SEMANA.



A HYGIENE DA BELLEZA

A mão — Ter uma bonita mão — eis o desejo supremo de toda a mulher, desejo em absoluto inacessivel para muitas, visto que a belleza da mão é principalmente filha da ociosidade.

Os trabalhos grosseiros disformam e estragam essa linda extremidade dos nossos membros, que, só por si, é como um livro aberto revelando ao observador a nossa maneira de ser, os nossos gostos, a nossa vida emfim.

Na mão muito tratada quem não reconhece a ociosidade que dá o dinheiro, o *raffinement* que vem da cultura do espirito, e uma certa elevação acima do vulgar?

Pobres dedos delicados em que as numerosas picadas da agulha nos attestam uma existencia apertada e laboriosa, quem se não curvou reverente perante os vossos nós disformados, a vossa pelle enegrecida, provas inequivocas das vossas canceiras na lucta quotidiana pela vida?

Ha tres factores que contribuem poderosamente para estragar a pelle das mãos: o pó, o contacto muito seguido e amiudado com a agua quente, e o ar muito frio. Assim as senhoras inglezas que, pelo elevado preço por que ali se pagam as creadas, se vêem muitas vezes obrigadas a fazer os trabalhos mais grosseiros do *ménage*, usam luvas de borracha quando lavam a sua louça, ou limpam o seu pó, conseguindo até certo ponto preservar a mão e conservar-lhe a delicadeza da pelle e o perfeito estado das unhas.

Para evitar o contacto do ar frio, e como medida hygienica, aconselhamos as nossas leitoras a que nunca saiam sem luvas.

A mão para ter uma belleza perfeita deve ser fina, correspondendo o seu comprimento a duas vezes a sua largura; os dedos longos e desiguaes, por forma a que a sua extremidade seja determinada pela extremidade do medium. O dedo minimo não deverá nunca ir alem da segunda phalange do anelar, e o pollegar mal chegando á segunda phalange do index, em caso algum poderá ultrapassal-a.

As mãos, como as outras partes do corpo, beneficiam com o uso das maçagens locais, cuja utilidade reconhecida á evidencia, escusado se nos torna encarecer.

Toda a vez que se sintam formigueiros, picadas ou qualquer dôr nos dedos, é conveniente fazer immediatamente uma maçagem, depois de ter untado a mão com oleo camphorado ou de

amendoas doces. Aperta-se em seguida a parte affectada entre o pollegar e o index da outra mão, e faz-se uma leve pressão de baixo para cima, desde a extremidade do dedo até a palma da mão; se a dôr fôr geral, renova-se a mesma operação para cada dedo, continuando, se assim se tornar necessario, até ao pulso, docemente e repetidas vezes.

Hygiene da mão. — Devemos lavar as mãos sempre pela manhã e á noite, e mesmo varias vezes por dia. Para este fim usaremos agua tepida, e toda vez que, por qualquer circumstancia, se tornar necessario muitas lavagens amiudadas, aconselharemos de preferencia ao sabonete, o pó, ou pasta de amendoa.

Como sabonete a empregar é sempre preferivel o de alface, de vaselina, ou de amendoa.

No inverno deve haver o cuidado de, cada vez que se acabam de lavar as mãos, untal-as com oleo de amendoas, operação que repetiremos sempre á noite, ao deitar.

Ha que ter o maior cuidado com a mais pequena arranhadura ou golpe que se tenha na mão, recorrendo immediatamente a qualquer antiseptico como preventivo contra alguma infeccão.

Para todos os cuidados da pelle é sempre preferivel o oleo de amendoas doces ao uso da glicerina que acaba sempre por tornar a pelle escura.

No proximo numero trataremos da conservação e cuidados a dar ás unhas, julgando assim servir com utilidade as nossas leitoras. Nem todas podem ter bonitas mãos, mas todas devem tratal-as. E se algumas, pelos seus poucos meios de fortuna, se não podem entregar á ociosidade que tanto contribue para o embelezamento das mãos, usando de cuidados, conseguirão preserval-as, tornando-as agradaveis á vista.

A mão bem tratada é a caracteristica mais evidente duma verdadeira senhora.

MME. X.

TODOS os assumptos que digam respeito a esta secção, ou que possam interessar as nossas leitoras e sobre os quais desejarem qualquer esclarecimento, serão por nós gostosamente attendidos, inserindo-se na "Correspondencia e informaçoes" as respostas a quaesquer perguntas que nos sejam dirigidas.

Toda a correspondencia deverá ser endereçada a esta redacção, com a designação de "Secção feminina".

RUY COELHO lecciona
Harmonia, Contra ponto, Fuga, Ins-
trumentação, Composição e Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA

PARA

× R. DA EMENDA. 45 r/c ×

REIS TORGAL

ADVOGADOS

RUA DA PRATA, 149 1.º D.º

CALENDRARIO ARTISTICO

LINDAS AGUARELLAS

Originaes de diversos pintores portu-
guezes × × × × × × × × × × × ×

UM BRINDE CHIC

A' VENDA NA SECÇÃO
COMMERCIAL DA

IDEIA NACIONAL

AO PREÇO DE 850 RÉIS
(FRANCO DE PORTE)

ARTIGOS

PARA

DESENHOS, PINTURAS

— E —

ARTE APLICADA

AU PETIT PEINTRE

ANTONIO FRANCO

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

104, RUA DE S. NICOLAU

TELEPHONE: 2534

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CRISTO FILHO,
SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES
DE ARTE, LITERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL
ATTENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPANHA
E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA
HESPANHOLA OU PORTUGUESA, TENDO PARA ISSO CREADO
EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECÇÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CRISTO, FILHO

AGENCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 r/c

ONDE SE RECEBEM ANUNCIOS E PARA ONDE DEVEM SER
DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS ○ ○ ○ ○ ○

L'ECLAIR

VENDE-SE NA

TABACARIA MONACO

MAISON PARISIENNE

262, RUA AUREA, 264

LISBONNE

GRANDE SORTIMENTO EM AMENDOAS
NACIONAES E EXTRANGEIRAS × × × ×
CARTONAGENS E CORBEILLES × × × ×

DEJEUNERS ET DINERS

TELEPHONE
CENTRAL **1477**

OBJECTOS D'ARTE
ANTIGOS E MODERNOS

MOBILIARIO

PORCELANAS

ESTATUETAS

JOIAS

QUADROS

MIRANDELLA

R. SERPA PINTO, 6

DOIS "HOMENS"



—Ha dois grandes estadistas
em Portugal...

— ?

—Um, é você; outro dirá você
quem é...

ROUPARIA E RETROZARIA

ANTIGA **CASA SUISSA**

TELEFONE
CENTRAL **351**

R. DO AMPARO, 53, 55

— ROCIO, 96, 98

— LISBOA

ENXOVAES COMPLETOS PARA NOIVA E RECEMNASCIDOS

SEMPRE AS MAIS RECENTES NOVIDADES

MALHAS E CONFECÇÕES DE PELLAS

CASA RUBI

TELEPHONE 3851

ALVARO MARQUES & RODRIGUES

LIMITADA

120, RUA DOS RETROZEIROS, 122

(PROXIMO Á RUA AUREA)

LISBOA

ARTIGOS DE ILUMINAÇÃO HIGIENE E AQUECIMENTO

MONTAGENS E REPARAÇÕES

POUPEE ARTISTIC

BONECOS INQUEBRAVEIS,

RIVALISANDO COM OS

MELHORES FABRICANTES

ESTRANGEIROS

E. B. GOMES

R. DOS CORREIROS, 15, 2.º

LISBOA

MONTEIRO & CARDOSO

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS EM TODOS OS GENEROS. IMPRESSÕES A OURO, PRATA E CORES SOBRE SEDA E SETIM.
RELEVOS, E ENCADERNAÇÕES SIMPLES E DE LUXO.

LIVROS ESCOLARES, OBRAS LITERARIAS, BIJOUTERIAS, MALINHAS PARA SENHORAS E CREANÇAS

ARTIGOS DE NOVIDADE

OFFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE

57, RUA DO MUNDO, 59

TELEPHONE CENTRAL 487

LISBOA

Perfumaria Mimososa



A MAIS CHIC E AMPLA
PERFUMARIA DE LISBOA

A-QUE-MAIS-SE-LIMITA-

LISBOA

000-000-000
000-000-000

